

VIDA E MORTE DO GRANDE  
SISTEMA ESCOLAR AMERICANO



DIANE RAVITCH

**VIDA E MORTE DO GRANDE  
SISTEMA ESCOLAR AMERICANO**

*Como os Testes Padronizados e o Modelo  
de Mercado Ameaçam a Educação*



*Editora Sulina*

© Diane Ravitch, 2011  
© Editora Meridional, 2011  
© Published by Basic Books, 2010

Tradução: *Marcelo Duarte*  
Capa: *Eduardo Miotto*  
Projeto gráfico: *Daniel Ferreira da Silva*  
Revisões: *Matheus Gazzola Tussi*  
Revisão gráfica: *Mirian Gress*  
Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( cip )  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

R256v Ravitch, Diane  
Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação / Diane Ravitch; tradução Marcelo Duarte. -- Porto Alegre: Sulina, 2011.  
318 p.

Título original: The death and life of the great American school system: how testing and choice are undermining education.

ISBN: 978-85-205-0632-5

1. Educação – Estados Unidos. 2. Ensino Fundamental.  
3. Educação - Avaliação. I. Título.

CDU: 37(73)  
CDD: 370(73)

---

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS  
Tel: (051) 3311-4082  
Fax: (051) 3264-4194  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Novembro /2011}

*Este livro é dedicado  
com amor aos meus netos*

*Nico Zev  
Aidan Thor  
Elijah Lev*



## Agradecimentos

Eu tive a sorte de ter a ajuda de muitos leitores que ofereceram seus comentários conforme o livro evoluiu. Capítulos individuais, e em alguns casos o livro inteiro, foram lidos por Samuel Abrams, Linda Darling-Hammond, Michael J. Feuer, Leonie Haimson, E. D. Hirsch Jr., Rita Kramer, Henry Levin, Jeffrey Mirel, Aaron Pallas, Linda Perlstein, Robert Pondiscio, Michael Ravitch, Sarah Reckhow, Richard Rothstein, Robert Shepherd, Lorraine Skeen, Sol Stern, e Andrew Wolf. Jordan Segall e Jennifer Jennings me ajudaram na interpretação dos dados demográficos. É claro, nenhum desses indivíduos é responsável de modo algum por minhas conclusões ou erros.

Na busca por informações, fui auxiliada por muitas pessoas, inclusive Anthony Alvarado, Elizabeth Arons, Kenneth J. Bernstein, Alan Bersin, Jennifer Bell-Ellwanger, Andrew Beveridge, Jonathan Burman, Sheila Byrd, David Cantor, Kathleen Cashin, Carl Cohn, John de Beck, Carmen Fariña, David Ferrero, Eric Hanushek, Jeffrey Henig, Frederick Hess, Sam Houston, Dan Katzir, Richard Kessler, Mitz Lee, Robert Linn, Tom Loveless, Karen Hawley Miles, Howard Nelson, Michael Petrilli, Margaret Raymond, Bella Rosenberg, Anthony Shorris, Jacques Steinberg, Nancy Van Meter, Robin Whitlow, Joe Williams, Frances O'Neill Zimmerman, e Camille Zombro.

Barbara Bartholomew foi minha interlocutora em San Diego, me levando a compromissos, me ajudando a digerir o que eu havia aprendido, e de maneira geral me mantendo focada enquanto entrevistava professores, administradores e funcionários distritais. Eu tive a sorte de ter Diana Senechal como assistente de pesquisa e editora nos estágios finais de revisão deste manuscrito. Ela se certificou de que cada palavra estivesse certa, cada nota de rodapé fosse precisa, cada URL funcionasse, que a gramática e o vocabulário estivessem corretos, e que a linguagem fluísse conforme deveria. Eu nunca poderei ser-lhe suficientemente grata pelo tempo que ela entusiasmamente investiu no livro, mas a agradeço aqui.

Por apoiar minha pesquisa, eu agradeço a Fundação William E. Simon e a Fundação Achelis-Bodman.

Eu sou grata pela amizade de mentores que me inspiraram, no passado e no presente, incluindo Jeanne S. Chall, Lawrence A. Cremin, E. D. Hirsch Jr., Sandra Priest Rose, e Albert Shanker.

Minha gratidão mais profunda vai para minha amiga, colega e parceira Mary, que me encorajou enquanto escrevia este livro.

Eu agradeço minha enérgica agente literária, Lynn Chu, da Writers Representatives, que acreditou neste projeto desde o início. Muito obrigada a Meredith Smith e Antoniette Smith, do Basic Books, por suas cuidadosas revisões do manuscrito, e a Lynn Goldberg e Angela Hayes, da Goldberg-McDuffie, que me deram apoio de todo coração. E eu sou grata a Tim Sullivan, meu editor no Basic Books, que rapidamente compreendeu o livro e sugeriu o título dos meus sonhos. Nós dois concordamos que o título é uma homenagem adequada a Jane Jacobs, cujo livro *The Death and Life of Great American Cities* ajudou a criar o renascimento das cidades do país. Já que eu vivo a vida sobre a qual ela escreveu, em um maravilhoso bairro urbano salvo pela preservação histórica, eu adoro a ideia de associar o meu livro ao dela, especialmente com a esperança de que a educação americana em geral e a educação urbana em particular também possam experimentar um renascimento.

*Diane Ravitch*  
Brooklyn, Nova York



## Sumário

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO UM	
O Que eu Aprendi sobre a Reforma Escolar	15
CAPÍTULO DOIS	
Sequestrado! Como o Movimento pelas Referências Curriculares se Transformou no Movimento de Testagem	31
CAPÍTULO TRÊS	
A Transformação do Distrito 2	49
CAPÍTULO QUATRO	
Lições de San Diego	65
CAPÍTULO CINCO	
A Lógica de Mercado em Nova York	87
CAPÍTULO SEIS	
NCLB: Testar e Punir	113
CAPÍTULO SETE	
Escolha Escolar: A História de uma Ideia	133
CAPÍTULO OITO	
O Problema com a Responsabilização	171

CAPÍTULO NOVE	
O Que a Sra. Ratliff Faria?	191
CAPÍTULO DEZ	
O Clube dos Bilionários	219
CAPÍTULO ONZE	
Lições Aprendidas	249
Notas	271
Índice	305

## Apresentação

**E**ste trabalho traz novos e importantes elementos para alimentar o debate sobre políticas educacionais em nosso país. O estudo aqui apresentado nos obriga a uma profunda reflexão sobre o que realmente queremos com a educação brasileira, uma vez que hoje estamos discutindo propostas que já comprovaram a sua ineficácia na educação norte-americana, agravando ainda mais a crise da educação pública naquele país.

A autora, Diane Ravitch, historiadora, analisa detalhadamente a evolução do seu pensamento educacional ao longo de sua vida acadêmica e de sua atuação como formuladora de políticas públicas no interior do aparelho de Estado americano. A sua narrativa transpira honestidade intelectual ao mostrar as suas mudanças conceituais, as influências sofridas e as tomadas de posição. É, pois, uma intensa e profunda autocrítica, somente possível a intelectuais que tenham profundo compromisso com suas verdades, mas que não hesitam em rever suas posições quando os fatos comprovam a mudança de uma realidade ou as evidências indicam um erro de posicionamento.

A doutora Diane Ravitch é pesquisadora da Universidade de Nova York e, em 1991, assumiu o cargo de secretária adjunta da Secretaria Nacional de Educação do governo George H. W. Bush, na gestão do secretário Lamar Alexander, ex-governador do Estado do Tennessee. A professora Diane, mesmo filiada ao Partido Democrata, resolveu aceitar o convite de Alexander para integrar o governo. Considerou que a educação estava acima das questões partidárias e teria a oportunidade de praticar e aprender sobre políticas públicas. Também foi conselheira dos governos Bill Clinton e George W. Bush.

Ao ingressar na administração pública, ela, que fora uma defensora conservadora da Educação Pública, foi envolvida pela avalanche de reformas que caracterizou a última década do século passado e o início deste século. Segundo a autora, “políticos e líderes econômicos entusiasticamente se alistaram em um movimento lançado por defensores do livre-mercado, com o apoio de grandes fundações”. Instituiu-se a política, expressa no slogan *No Child Left Behind*, NCLB (Nenhuma Criança Fica para Trás). A reforma

baseava-se na possibilidade das famílias escolherem a melhor escola, levando consigo para a escola escolhida as subvenções públicas oferecidas pelo Estado. Para possibilitar a escolha escolar foi estimulada a competição entre as escolas, para que captassem mais alunos e mais recursos. O sistema de escolhas é baseado nos resultados dos testes padronizados com seus escores, estabelecendo o ranque entre as instituições de ensino. “A ascensão ou queda dos escores em leitura ou matemática tornou-se variável crítica para julgar os estudantes, professores e diretores de escolas”, frisa a autora.

A modelagem para a reforma partiu das experiências do Distrito 2 de Nova York e do Distrito de San Diego. O ímpeto reformista levou à radicalização das testagens e do uso de seus resultados para punir professores e diretores cujos alunos não alcançaram os escores desejados nos testes padronizados. Esse processo atravessa os governos republicanos e democratas desde os anos 1990, uma vez que se construiu um consenso entre os dois partidos sobre o projeto educacional. A escolha escolar e a responsabilização passaram a ser a chave da política educacional para garantir a qualidade da educação.

A autora, como uma das formuladoras dessa política, revê suas posições, desfazendo sua adesão ao programa e denunciando suas distorções, suas inconsistências e sua profunda carga ideológica. Ao analisar os efeitos dessas políticas, tornou-se crítica ácida das mesmas. “Como muitos outros naquela era, eu fui atraída pela ideia de que o mercado iria trazer inovação e maior eficiência para a educação. Eu estava certamente influenciada pela ideologia conservadora de outros membros do alto escalão da primeira administração Bush, que eram fortes apoiadores da escolha e da competição escolar.” Segundo ela, após duas décadas de aplicação, o ensino não melhorou; os resultados da educação orientada pelos princípios do mercado são pífios e contraproducentes, materializados por baixo desempenho e não por sua elevação. Os mecanismos de premiação com adicionais de salários aos professores pelo bom desempenho dos alunos em testes levaram os professores a desenvolverem formas de burlar os resultados, fragilizando o sistema. Os professores passaram a investir no ensino de truques necessários para os alunos responderem à testagem com êxito, em detrimento de uma formação consistente em todas as áreas do conhecimento. O currículo foi reduzido a habilidades básicas em leitura e matemática, associados a recompensas e punições por meio das avaliações. “A testagem, eu percebi com desgosto,

havia se tornado uma preocupação central nas escolas e não era apenas uma mensuração, mas um fim em si mesma. Eu comecei a acreditar que a responsabilização, conforme estava escrita na lei federal, não estava elevando os padrões, mas imbecilizando as escolas conforme os Estados e distritos lutavam para atingir metas irrealistas.”

Esse processo vem acompanhado de crescente interferência do setor privado na educação. Grandes fundações vêm promovendo reformas escolares baseadas em modelos de gestão do setor corporativo, sem considerar sua pertinência às instituições de ensino. “Você não precisaria saber nada sobre crianças e educação. O apelo do mercado é a ideia de que a libertação das mãos do governo é a solução por si só”.

A pesquisadora reforça o caráter ideológico dessas concepções e seus vínculos com as ideias privatizantes trazidas pela ascensão neoliberal. “Os novos reformadores corporativos demonstram sua precária compreensão da educação construindo falsas analogias entre a educação e o mundo empresarial. Eles pensam que podem consertar a educação aplicando princípios de negócios, organização, administração, lei e marketing e pelo desenvolvimento de um bom sistema de coleta de dados que proporcione as informações necessárias para incentivar a força de trabalho – diretores, professores e estudantes – com recompensas e sanções apropriadas. Como esses reformadores, eu escrevi e falei com convicção nos anos 1990 e no começo dos 2000 sobre o que era necessário para reformar a educação pública, e muitas das minhas ideias coincidiam com as deles.”

Ao revisar suas posições, a autora retorna ao caminho da defesa da escola pública, do foco na educação, das concepções pedagógicas, das necessidades objetivas e específicas da aprendizagem e do enfrentamento da complexidade de educar considerando as diferenças dos sujeitos educandos. Em manifestação contundente, afirma: “É tempo, eu acho, de aqueles que querem melhorar nossas escolas focarem nos elementos essenciais da educação. Nós temos que garantir que as nossas escolas tenham um currículo forte, coerente e explícito, que seja enraizado nas artes e ciências, com muitas oportunidades para as crianças se engajarem em atividades, e projetos que tornem o aprendizado vívido. Nós precisamos garantir que os estudantes ganhem o conhecimento que precisam para compreender debates políticos, fenômenos científicos e o mundo em que vivem. Nós precisamos nos certificar de que eles estão preparados para as responsabilidades da cidadania

democrática em uma sociedade complexa. Nós precisamos cuidar para que nossos professores sejam bem educados, não apenas bem treinados. Nós precisamos ter certeza de que as escolas tenham a autoridade de manter tanto os padrões de aprendizado quanto os padrões de comportamento”.

A autora demonstrará ao longo do texto as evidências que a levaram a mudar de posição e afirmar a falência de um projeto decantado por gestores, fundações empresariais e editoriais da mídia. Evidencia com rigor acadêmico como essas políticas “estão corrompendo os valores educativos”.

O fracasso da educação americana baseada nos parâmetros do mercado é uma lição que devemos aprender. É preocupante a força das tentativas de implantar esse modelo na educação brasileira. Vemos hoje uma tentativa de economização da educação. O tema da educação passa a ser pautado na grande mídia por economistas, consultores corporativos e de grandes fundações empresariais. Não são mais os pesquisadores, os acadêmicos da área educacional os preferidos pela mídia para o debate educacional, salvo exceções. Cada vez mais o debate educacional está contaminado pela ideologia de mercado. Tenta-se impor à educação os métodos gerenciais praticados nas empresas, o que significaria submeter a formação humana aos ditames do mercado, ao cálculo de custos. Esses propósitos ideológicos não levam em conta que o objeto da produção empresarial é completamente distinto do objeto da escola. O objeto da empresa produz coisas físicas, enquanto o objeto da educação é também sujeito, um conjunto de pessoa que tem história, que sente dor, prazer, que chora, que tem alegria, cultura, subjetividade, razão e emoção.

Este trabalho, além da contribuição acadêmica, constitui-se num manifesto político, considerando a encruzilhada que vive a educação brasileira hoje. Trata-se da disputa em favor de uma escola pública revigorada, solidária, democrática, entendida como direito, ou uma escola empobrecida e reconfigurada pela competição, pela redução às avaliações quantitativas e pelos métodos meritocráticos, próprios do reducionismo de mercado. Façamos a leitura deste livro olhando para os dilemas da educação pública brasileira.

Jose Clovis de Azevedo  
Outubro-2011